

POR QUE FALAMOS EM JUVENTUDES?

Julia Rocha Clasen¹
Livian Lino Netto²
Aline Accorssi³

Ao trazer a categoria juventude para o debate, estamos falando de um grupo social, composto por diferentes marcadores que definem a forma de atuação e as relações internas desse grupo, e que traz questões de gênero, raça, etnia, sexualidade, classe social, entre outros. Estes aspectos são importantes porque nos ajudam a pensar as juventudes como um grupo composto por sujeitos com vivências diversas e, portanto, diferentes concepções de sociedade e com uma disputa interna acerca do curso da sua atuação enquanto grupo social. Trazemos esta questão, no sentido de superação de qualquer falsa universalidade na leitura de suas ações, a qual está intrincada em representações sociais que lhes subjagam como sujeitos sem condições de reflexão e formulação da sua intervenção no mundo. Assim, consideramos aqui, a necessidade de retomada desta categoria como meio de análise das ações políticas dos/as jovens secundaristas que ocuparam suas escolas no ano de 2016 no Brasil, no sentido de traçar olhares para esta ação, que superem as formulações dominantes acerca das juventudes.

O movimento de ocupação das escolas públicas que ocorreu no ano de 2016, chamado pelos/as estudantes de Primavera Secundarista, representou a organização da ocupação de mais de mil escolas por todo país⁴, o que resultou em um movimento organizado e com força política de pronúncia também de outros setores da sociedade. Aliás, importante contextualizar esse movimento em uma conjuntura maior. Ainda no ano anterior, no estado de São Paulo, cerca de 220 escolas haviam sido ocupadas em resposta as medidas impostas pelo governo Alckmin (PSDB) quando implementou o Programa de Reorganização Escolar, impondo o fechamento de escolas públicas e o remanejamento de estudantes para outras escolas, com uma superlotação e

¹ Universidade Federal de Pelotas - clasenjulia1@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas - livianlino@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas - alineaccorssi@gmail.com

⁴ No dia 28 de outubro de 2016 a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) lança uma lista com as escolas ocupadas, um número que chega a 1197 escolas. Disponível em: Acesso em 08 dez. 2017.

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

precarização destes espaços de ensino. Outro fator que foi referência para a organização do movimento em 2016, é a luta dos/as secundaristas na América Latina, como os atos no Chile e na Argentina, formadores de um repertório de ação (TILLY apud ALONSO, 2012). Estudantes traduzem o manual “*como ocupar um colégio*”⁵, e este material circula por diferentes estados do Brasil, com a ocupação de escola em escola, e uma comunicação nacional do movimento.

Assim, podemos considerar o papel central dos/as estudantes na articulação interna, com a formulação de uma ação que deixa contribuições ao movimento estudantil secundarista, bem como aos movimentos sociais, que naquele período tomam fôlego para travar enfrentamentos a uma conjuntura de ataques incessantes. Para pensar esta ação coletiva, se torna primordial compreender o sujeito que a protagonizou. Nosso objetivo, portanto, discutir a categoria juventude, a partir da atuação dos movimentos de ocupação ocorridos em 2016.

Ao considerar as ações conflitivas tomadas pelas juventudes, precisamos, para início de reflexão, compreender que nem todo jovem vai assumir os processos de luta. E, talvez, a grande maioria das juventudes não estará, de fato, inseridas nestas ações. Considerar esta questão é parte crucial da compreensão de que juventude não é grupo homogêneo e que sua construção deriva de diferentes concepções e formulações de mundo e sociedade e, assim, orientam sua atuação sobre esta. É neste sentido que, falamos em juventudes, no plural, destacando que dentro de uma grande categoria encontramos diferentes disputas que estão em jogo, mostrando que, as juventudes vão além de uma única representação na qual é posta.

Distinguimos aqui, grupo social de movimento social, na medida em que nem todo sujeito inserido no grupo social irá atuar politicamente nas ações conflitivas sob as quais este grupo se insere, ainda que se beneficiem das vitórias do movimento. Conforme Viana (apud SILVA, 2018) o movimento social é parte do grupo social que realiza a mobilização, que trava a atuação, e não são inertes na conjuntura vivenciada, mas ativos frente a esta.

Compreender esta questão incide sobre a concepção fragmentadora da ação das juventudes, enquadrando-as como passiva ou rebelde e imprudente, desconsidera a potência social da sua intervenção na sociedade. Na medida em que o período de vida vivenciado por estes sujeitos lhes classificam enquanto incapazes de formular ideias e intervir no curso da

⁵ Manual Como ocupar um Colégio, traduzido pelo movimento de luta e organização das escolas O Mal-Educado. Disponível em: <<https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>>

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

ordem, os sujeitos jovens é designado como um sujeito em construção, um projeto de ser humano, que um dia será, mas por enquanto não assume tal posição (DAYRELL,2003). A juventude é alocada aqui como um momento de ensaio da vida, e, portanto, ausente de decisões políticas.

Conforme Cassab (2007) três concepções principais definem a categoria juventude. A primeira, conforme a OMS é a faixa etária entre 15 e 24 anos; A segunda compreende as juventudes como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta; E a terceira, como uma fase correspondente a um projeto de vir a ser, um eterno devir, que representa os sujeitos jovens como um projeto futuro, a representação de um passado, mas com seu presente ausente.

Tais concepções fundamentam a resposta da sociedade, do Estado e da escola à ação política dos/as secundaristas. Sua atuação é deslegitimada e por meio da desqualificação social direcionada a este sujeito, que não apenas por enfrentar os ataques do Estado recebe uma resposta ofensiva, mas por ultrapassar limites impostos, que lhe dizem incapaz (ACCORSSI; NETTO; CLASEN, 2019).

Esta resposta não parte apenas dos agentes do poder, mas da sociedade como um todo, que desencontra nestes sujeitos condições sociais de participar debates políticos. Referente desqualificação não é ocasional, mas imposta pela construção que os sujeitos jovens vivenciam na sociedade de classes, como ser “improdutivo” e desta forma, desqualificado para opinião pública. Conforme Souza (2006) as juventudes são apontadas pela Sociologia como um momento de suspensão da vida social, na qual o sujeito não produz e, neste sentido, lhe são negados os direitos sociais, ainda que os deveres permaneçam em vigor.

Ao pensarmos o movimento de ocupação secundarista, estamos considerando um movimento que foi protagonizado pelos sujeitos jovens e pelas estudantes mulheres, ou seja, sujeitos que na sociedade do capital, são duplamente silenciados. Não por acaso a resposta da sociedade ao movimento foi no sentido de desmoralizá-lo, porque os sujeitos que ousaram intervir no curso da ordem social, foram aqueles/as que não tem direito a tal intervenção, suas ações são retalhadas no sentido reprodutivo da ordem exploratória e opressiva do capital.

Assim, destacamos a relevância deste movimento no sentido de compreensão da luta das juventudes secundarista que reivindicou outras realidades, para si e para aqueles/as que viriam depois deles/as. O movimento encontrou repressão em uma proporção amedrontadora. Ameaças

Programas organizadores



III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

vinham de todos os cantos, originadas de um mesmo imaginário imposto, que ideologiza os sujeitos jovem e as mulheres lutadoras sociais como insuficiente. Pode-se dizer que identidade de “jovem feminista” passou a ser percebida dentro dos movimentos atuais, criando espaços de discussão em coletivos, núcleos possibilitando a ampliação da arena de discurso com pautas feministas, destacando a participação significativa de mulheres jovens (BIROLI, 2018).

O movimento teve que enfrentar uma ameaça oriunda dos agentes de poder. Também coube a ele disputar internamente as juventudes estudantis enquanto grupo social que, ao não ser homogêneo e não compartilhar de um pensamento unitário, está em disputa interna. Assim, como colocamos, no início desta reflexão, o grupo social e movimento social não são sinônimos, mas se distinguem e constituem linhas de atuação diversas.

As ocupações se mostraram como uma possibilidade de disputa de futuros, de pensamentos e de compreensões de mundo, uma disputa acerca dos debates sociais da época, e, ainda, dos seus processos de consciência. Jovens que ao compartilharem uma consciência neoliberal, por exemplo, oriunda do pensamento dominante, demarcador de poderes em jogo naquele período, são também uma ameaça ao movimento, encarada, no sentido de apresentação de um posicionamento contra hegemônico.

Ponderamos, que tais concepções não pretendiam ser ignoradas pelo movimento de ocupação, ao contrário, foram combatidas pelas ações organizadas pelas/os secundaristas, que demonstraram a possibilidade de construção de relações que anseiam a emancipação política e social, trazendo para diferentes esferas da sociedade questionamentos que pareciam adormecidos

Ao tentarmos compreender a ação política de ocupação das escolas, entendemos a insurgência de consciências, no sentido de enfrentamento à hegemonia apaziguadoras da ação política, e apresenta questionamentos impossíveis de serem neutralizados pela força que o movimento assume em sua articulação. Com permanência no imaginário das/os secundaristas mesmo em um momento posterior ao seu encerramento, transformando cenários adormecidos e com formulações que inquietam o espaço escolar e se estendem, à sociedade como um todo.

Deste modo, compreendemos que a categoria de juventudes é constituída a partir da tensão que o movimento social, aqui o movimento de ocupação das escolas, institui no grupo

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação



social. As ocupações secundaristas instauraram debates que desestabilizaram concepções pacificadoras e demonstraram ao grupo social possibilidades de resistência.

Palavras-chave: Movimento Estudantil Secundarista. Primavera Secundarista. Juventudes.

REFERÊNCIAS:

ACCORSSI, Aline; NETTO, Livian Lino; CLASEN, Julia Rocha. Discurso de ódio acerca do jovem: “chama a BM e desce o sarrafo nesse bando de playboy desocupado”. **Revista Temáticas**. V.27, n.54, p. 73-94, Campinas, SP, ago/dez. 2019.

ALONSO, Angela. Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito. **Revista Sociologia e Antropologia**. v.02.03: 21-41, 2012.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CASSAB, Clarice. **O Lugar da Juventude: espaço-temporalidades da noção de juventude**. XXVI Congresso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Guadalajara, 2007.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Set /Out /Nov /Dez 2003 N° 24.

O MAL-EDUCADO. **Como ocupar um colégio?:** manual escrito por estudantes secundaristas da Argentina e Chile. Disponível em: <<https://gremiolivre.wordpress.com/2015/10/21/como-ocupar-um-colegio-versao-online/>> Acesso em: 8 de maio de 2019.

SILVA, Ricardo. A Teoria dos Movimentos Sociais de Nildo Viana. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 7, n. 2, p. 197-211, 2018.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2006.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação